



## CORPO E RELIGIÃO: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS<sup>1</sup>

Ana Carolina Rigoni

### RESUMO

*O texto pretende trazer à reflexão algumas análises sobre os “usos do corpo” e suas relações com a religião. Partindo de alguns exemplos tento demonstrar como, ao longo da história, a educação do corpo é perpassada por um tipo de educação religiosa. A religião, como outras instituições que agenciam a vida cotidiana do ser humano, tem papel importante na educação corporal de pessoas que compartilham de uma visão religiosa do mundo. O texto está mais preocupado com as visões sobre corpo que este tipo de educação implica, do que com uma elaboração esmiuçada sobre o fenômeno religioso no meio acadêmico.*

PALAVRAS-CHAVE: Corpo 1; educação do corpo 2; religião 3.

### INTRODUÇÃO

Antes de entrar no assunto, propriamente dito, pretendo esboçar o cenário que exemplifica o argumento tratado no texto. Entendo que antes é preciso ilustrar as práticas contemporâneas que envolvem o corpo na sociedade para, depois, demonstrar onde e como a religião está inserida num processo de gestão corporal. Ainda que o texto não trate diretamente de “Educação Física” ele diz respeito à área na medida em que reflete sobre um dos seus principais objetos de investigação (o corpo) e seus apontamentos ao longo do tempo.

Em determinadas áreas do conhecimento pensar o corpo significa pensá-lo exclusivamente como organismo biológico. No entanto, se levarmos em conta a biologia dos corpos veremos que os seres humanos são todos muito semelhantes e ao avistarmos um membro de nossa espécie jamais teremos dúvidas em classificá-lo como alguém pertencente ao gênero humano. Mas é interessante pensar que, a princípio, isto é a única coisa que sabemos sobre ele. Seus gostos, seus modos de se comportar, a língua que ele fala e outros inúmeros aspectos de sua vida social só podem ser conhecidos após a aproximação e o contato com ele. Ainda que o corpo seja a primeira forma de identificação dos sujeitos, Jürgen Habermas (2007, p.21) já afirmava que “O organismo do recém nascido só consegue formar-se como homem mediante a assunção de interações sociais”. Ou seja, o homem possui uma natureza social. Segundo Habermas, a consciência é privada apenas na aparência, pois ela

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

continua a alimentar-se, mesmo nas exteriorizações de suas sensações pessoais, dos fluxos da rede cultural de pensamentos públicos, expressos de modo simbólico e compartilhados intersubjetivamente. Somente nos tornamos conscientes de nós mesmos nos olhares que um outro lança sobre nós, portanto “Os olhares subjetivadores do outro possuem uma força individuadora” (HABERMAS, 2007, p.21).

Ao contrário das explicações biológicas, normalmente utilizadas para justificar diferenças que não são de caráter natural, mas cultural e, portanto, simbólicas, percebemos que são nas mudanças que ocorrem na sociedade que encontramos inúmeras respostas para as diferenças corporais existentes. O corpo é histórico, ele carrega consigo, na história do corpo individual, a história do corpo da humanidade (GOMES, 2006, p.1). Ou seja, o corpo incorpora certo repertório de representações coletivas, oriundas de determinada cultura, num determinado intervalo de tempo. Sendo assim, o corpo tem uma história e também conta uma história. História que, de certo modo, se confunde com a história social da humanidade.

Pensemos nas diversas classificações à que estamos submetidos desde o nosso nascimento. Classificações quase sempre de cunho biológico e que se naturalizam nas relações cotidianas que envolvem temas como gênero, raça, sexualidade e outros. Neste sentido, gênero é confundido com sexo e as classificações se limitam a diferenciar macho e fêmea por seus órgãos reprodutores, ainda em termos de gênero, marcas como a docilidade e fragilidade caracterizam “melhor” o feminino, enquanto o homem deve manter a virilidade e a força. Com relação à sexualidade, por exemplo, esta é sempre pensada pelo viés da reprodução humana ou das doenças que podem ser transmitidas através do “ato sexual”. Em todos estes exemplos os aspectos culturais e sociais parecem ser ignorados, afinal, o discurso biomédico parece “mais científico” e relevante.

Em meio a estas classificações naturalizadas existe uma escala que vai do “ideal” ao “não recomendado”. Aqueles que mais se aproximam dos modelos -construídos socialmente mas tratados como naturais – têm mais valor no mercado dos bens simbólicos. Tomemos como exemplo as classificações as quais submetemos as crianças em idade escolar. Desde a infância, principalmente na escola, as classificações (biológicas) hierarquizam os corpos de forma muito clara. Aspectos anatômicos dão margem à classificações que pertencem ao mundo simbólico. É como se o mundo das relações sociais estivesse submetido à “loteria biológica”<sup>2</sup>. Diferenciamos as crianças em aspectos como: calmo e agitado, gordo e magro,

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Ana Márcia Silva. SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.23, n.1, p.87-98, setembro de 2001.

coordenado e descoordenado e outros. Sem esquecer que estas classificações pressupõem diferenças valorativas opostas, pois um é sempre tido como “bom” e o oposto, é claro, como “mau”. Trata-se, de certo modo, daquilo que Bourdieu (1999) chamou de “violência simbólica”.

Além disso, levando-se em conta as possibilidades de intervenção no corpo humano para “melhorá-lo”, seja a partir de simples produtos cosméticos ou através de cirurgias plásticas, os corpos tornam-se alvo de intenso consumo e se transformam em mercadorias por excelência. Criam-se produtos de beleza que renovam e garantem a eterna juventude. Na esfera da moda, roupas elaboradas exclusivamente para corpos magros e altos parecem garantir um lugar na vida social.

A alimentação também é um bom exemplo para pensarmos sobre o tema. Para muitos ela é vista simplesmente como a ingestão de nutrientes para a sobrevivência do organismo. Desta forma ela é apropriada pelo discurso da saúde orgânica e sob o título de “nutrição” parece ganhar um caráter “mais científico”. Apropriando-nos do discurso médico da saúde, deixamos de lado o simples prazer de saborear uma refeição e apegamo-nos à suas características quantitativas. Na hora de escolher um alimento os números de fibras e calorias interessam mais do que o sabor. A moda do *Light* e *Diet* tenta abolir o “saboroso” e “apetitoso”. É o equivalente a trocar prazer por eficácia. O fato é que, mesmo a nutrição estando próxima às Ciências Naturais, o caráter social da qual ela é produto e produtora não pode ser negado. A nutrição é pautada numa série de implicações que estão na ordem da cultura, do social, como: auto-imagem, culpa, rejeição, prolongamento da juventude, etc. Se antes as interdições alimentares eram decorrentes dos jejuns ou crenças religiosas, hoje elas ganham novo caráter.

Como afirma Denise Sant’Anna (2005) tornam-se evidentes os saberes que disciplinam os corpos sob a justificativa da busca pelo “corpo ideal”, naturalizado na vida cotidiana. Em grande parte esta ação disciplinarizadora é promovida pelo discurso midiático. Alguns exemplos podem ser as mulheres utilizadas como modelo no lançamento de marcas de vestuário, calçados e lingerie. Podemos citar, ainda, os programas de televisão, como os *reality shows*, que parecem fornecer o “padrão corporal adequado” a toda uma população. Determinada parcela dos meios de comunicação, como alguns canais de televisão, é contraditória ao passo que coloca no ar propagandas com pessoas de corpos magros e, ao

mesmo tempo, incitando o consumo de bens alimentícios nada “saudáveis”. Como ironicamente comenta Sant’Anna, é como se a propaganda dissesse: Coma, mas seja magra.

Sob a gestão dos meios de comunicação de massa o corpo humano é colocado em sua nudez em praça pública, para ser tutorizado por pedagogias que legitimam as características que ‘devem ter’ este corpo (BRAGA, 2009). Os meios de comunicação de massa, de forma geral, propõem quais são as necessidades e desejos na busca de uma suposta “felicidade”. E, para fazer uso de uma categoria cara a Pierre Bourdieu (2009), atores, atrizes e famosos que possuem corpos que se encaixam nos padrões impostos pela mídia e pelo mercado parecem ser exemplos bem sucedidos na “economia dos bens simbólicos”. Bourdieu (1999), ao se referir ao corpo feminino, afirma que este é objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros. O autor se refere ao corpo feminino como “o corpo para o outro”. Guardada as devidas diferenças, creio que é possível fazer esta relação também com o corpo masculino, que na contemporaneidade vira alvo da disciplinarização tanto quanto o primeiro.

O ponto central deste texto é que liga o cenário narrado ao “mundo das religiosidades” se encontra no fato de que, se antes, parecia haver um papel claro da religião no agenciamento destes corpos e modelos, hoje eles não parecem mais definidos pela esfera religiosa. Se, antes, a religião e, principalmente, a Igreja Católica era a instituição que mais parecia ditar os modos de fazermos usos de nossos corpos, hoje ela parece competir com outras esferas agenciadoras do corpo. A idéia se aplica, inclusive, a relação de disputa entre Igreja Católica e outras religiões que se expandiram imenso no último século. O texto tenta demonstrar qual é o papel da religião e como ela foi se acomodando as novas demandas corporais ao longo tempo, não deixando de exercer poder sobre os corpos, mas modificando, ressignificando a forma de agenciá-los.

Daqui por diante tentarei demonstrar como as mudanças na esfera religiosa, que influenciaram diretamente as mudanças no corpo, têm relação com esta trajetória no decorrer do tempo. Desde o período de dominação da Igreja católica até a época atual, a qual permite a consolidação da pluralidade religiosa, são vários os exemplos que ajudam a compreender como o cenário vai se moldando aos novos discursos da vida social.

Ainda que o texto apresente um caráter ensaístico, as idéias e os exemplos aqui apresentados são frutos tanto da revisão teórica abundante sobre o tema corpo e corporeidade e religião como de dados empíricos, agrupados ao longo dos últimos anos de pesquisa de campo em igrejas e escolas, permitindo-me a elaboração de algumas reflexões sobre corpo no interior da área da Educação Física. Ainda que a maioria dos exemplos faça referencia a

outros tempos, são as observações do “agora” que as tornaram fecundas.

## O CORPO E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Apesar de o fenômeno religioso ser alvo de intensas discussões e de posições não consensuais, muitos pesquisadores colocam no centro do debate acadêmico a possibilidade ou não de sua extinção na sociedade. Alguns autores utilizam o conceito de secularização para explicar as inúmeras modificações no campo religioso atribuídas ao advento da modernidade. José Casanova (1994), por exemplo, aponta para três dimensões utilizadas para falar sobre a secularização: a primeira a vê como o declínio da religião, a segunda a vê a partir da separação das esferas e a terceira a entende como a mudança da religião para a esfera privada. O autor, que parece dar preferência à discussão que entende o processo de secularização como a divisão das esferas, faz uma crítica a Durkheim e Weber, que acreditam na substituição da moral religiosa por uma moral secular (Durkheim) e na dessacralização do mundo (Weber), mas não fornecem a base para pensarmos no conceito de moderno e nas consequências desta modernidade<sup>3</sup>. Para Casanova, além da emergência da Ciência Moderna outros três acontecimentos contribuíram para o evento da secularização: o desenvolvimento das forças do capitalismo, a Reforma Protestante e a formação do Estado. É preciso atentar para o fato de que este processo ocorreu de forma diferenciada em cada lugar do mundo.

A discussão entre fé e razão que em grande parte legitimou a separação entre Igreja e Estado, ainda hoje serve como arma legitimadora na disputa de várias esferas pelo domínio dos conhecimentos sobre o homem e o corpo. As explicações sobre o que é o ser humano passam a ser vinculadas pelo saber racional. Com isso, a ideia desejada pela Igreja de uma unificação religiosa da humanidade começa a perder força. Inicia-se um processo de desnaturalização do homem, que se coloca acima da natureza e livre de seus desígnios, portanto, livre de Deus.

No entanto, este processo, ao contrário de dar fim à religião, abriu caminho para que outras crenças se fizessem presentes. A busca pela fé parece ter-se feito necessária como algo que complementasse aquilo que faltou à razão. Estas mudanças trouxeram à tona a necessidade de novos discursos por parte da esfera religiosa. A Igreja Católica perde o poder de outrora e passa a disputar o monopólio dos bens de salvação com outras religiões. Surgem

---

<sup>3</sup> Não é objetivo do texto operar com tais conceitos. Eles aqui estão para reproduzir as idéias trabalhadas pelos autores citados.

diversos templos, igrejas, santuários, casas de oração etc. Novos deuses e novas religiões são frutos da sociedade moderna e se encontram intimamente relacionados aos novos modos de vida de grande parte da população. Para Paula Montero (2006) o surgimento destas novas religiões se deve, em parte, à Reforma Protestante, que abriu caminho para o pluralismo no campo religioso. Pluralismo este “subordinado” a uma racionalidade capaz de criar consensos que possibilitam a comunicação e o compartilhamento do mundo. Para Habermas (1999), à esta razão deve ser inerente a constatação de que as crenças variam.

Se as crenças variam, os modos de ver e de pensar o “mundo” também vão se diferenciando em decorrência de tais variações. Assistimos ao longo do tempo a inúmeras mudanças na esfera religiosa, mas, afinal, o que isto tem a ver com o corpo? O fato é que as mudanças na esfera religiosa dizem muito a respeito das mudanças visíveis nos corpos humanos nos diversos períodos e lugares. Em meio às mudanças da esfera religiosa, assistimos às mudanças do corpo e de suas gestualidades. Por trás de cada gesto, desde a época do feudalismo até o século atual, é possível observar um tipo de educação que teve, ou tem, vínculo com a esfera religiosa, inclusive no ambiente escolar. Mesmo na contemporaneidade as religiões exercem poder normativo sobre os corpos, que são educados e marcados por práticas religiosas diversas. A diferença é que se antes a Igreja possuía o monopólio das regras sobre os “usos do corpo”<sup>4</sup> e da alma, hoje ela disputa o domínio com outras esferas da saber. É neste sentido que atribuo importância a este debate para a área da Educação Física. Afinal, estes profissionais, assim como psicólogos, esteticistas, nutricionistas, e outros ainda, elaboram discursos que ditam “normas” de se portar em relação aos aspectos corporais. Com isso é possível perceber que não somente a natureza se dessacralizou, mas todo e qualquer objeto, inclusive o corpo humano (FENSTERSEIFER, 2001).

Um bom exemplo para ilustrar tais ideias está relacionado à compreensão da noção de beleza corporal. Baseando-se na racionalização dos corpos, enfraquecem-se ideias do tipo “a verdadeira beleza é aquela dada por Deus”. A beleza não depende mais da vontade divina e,

---

<sup>4</sup> O termo “uso do corpo” faz referência ao sentido dado por Marcel Mauss (2003), para o qual o corpo é o primeiro instrumento do homem. Mas, ao contrário da compreensão utilitarista a que o termo “uso do corpo” possa remeter, o importante no conceito do autor é que estes diferentes usos podem (e devem) ser atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos.

sim, dos métodos científico-tecnológicos empregados no corpo. A racionalização parece conduzir a certa homogeneização de determinados padrões corporais e, por isso, não é mais “permitido” ser “feio”, “fraco”, “gordo”, etc. Para Paulo Fensterseifer (2001), não é de se estranhar que o corpo seja suscetível a ser “reformado”, “concertado”, melhorado etc. O pensamento moderno vem mostrar, principalmente às mulheres, que se no quesito beleza elas foram esquecidas por Deus, a “fé” na ciência pode dar-lhes uma “mãozinha”.

Diante de tais mudanças no trato e no sentido atribuído aos corpos, proponho algumas reflexões a respeito do tema e de sua relação com a esfera religiosa. Para elaborar tal argumento reflexivo faço uso de alguns exemplos que não seguem uma ordem cronológica, já que pretendo formular uma reflexão mais ampla, utilizando exemplos da história sem, no entanto, elaborar um relato histórico.

## A PRESENÇA DA RELIGIÃO NA VIDA COTIDIANA

Se antes os preceitos sobre a alma eram priorizados pela Igreja, na contemporaneidade, com as mudanças na esfera religiosa, apesar de se manterem os ensinamentos sobre a salvação da alma, o corpo pode ser considerado o alvo principal para algumas crenças. É o corpo quem precisa de cuidados e vigilância. A crença de que o corpo (carne) é passageiro e somente a alma é imortal, atribui a ele à sujeição dos pecados e tentações. Sendo assim, o corpo continua no lugar marginal e, justamente por isso, ele precisa de mais atenção por parte do grupo religioso. Afinal, o corpo não deve colocar a alma em risco (RIGONI, 2008).

Para aquele que é religioso ou compartilha um sentimento deste gênero, o corpo sempre foi submetido aos desígnios divinos. Desígnios estes que sempre foram diferenciados para “homens” e “mulheres” e, no que diz respeito a certo tipo de “ditadura corporal”, sempre focaram mais as segundas do que os primeiros. Carlos Bauer (2001) esclarece que, já na época do feudalismo, desde o século IX até o século XIII, a mulher era acusada de heresia, pois era a maneira de torná-la imperfeita e assim impedi-la de executar as mesmas funções do homem, já que isto poderia ser perigoso. O autor nos mostra alguns adjetivos atribuídos à personalidade feminina por um bispo germânico na Idade Média. Para ele as mulheres eram péfidas, luxuriosas, impulsionadas naturalmente para a fornicção e, devido a sua fragilidade ante aos perigos da carne, exigia da moral cristã uma aguda desconfiança do prazer.

Ainda entre os séculos XII e XIII, a mulher que desejasse estudar, se tivesse a condição financeira necessária e a permissão do pai, deveria ir para o convento, receber o

auxílio pedagógico das freiras (BAUER, 2001, p. 34), o que garantia uma instrução com base na devoção a Deus e na prática dos bons costumes. Qualquer outra forma de educação – não religiosa - sugerida à mulher era contestada pela Igreja, que desconfiava de sua “natural” associação ao pecado. Sem ter direito a vida pública, é compreensível que a religião educasse gestos e comportamentos das mulheres, enquanto os espaços públicos destinados aos homens educassem o comportamento masculino.

Por volta do século XVII, incorpora-se ao imaginário social a ideia de que para vivermos em sociedade e sermos civilizados era preciso reprimir nossos impulsos, controlar nosso corpo, demonstrando que havia algo (alma) superior e que detinha o poder de controle sobre ele. Neste caso, corrigir os defeitos do corpo passou a significar também a correção dos defeitos da alma. Carmen Soares e Alex Branco Fraga (2003) e, também, George Vigarello (2003) comentam que a postura moral dependia da postura corporal. Foi justamente com base neste conceito que, nos séculos XVIII e XIX, se fortaleceu ainda mais a ideia de educação do corpo.

Desde o início da Idade Média a diferença entre homem e mulher foi afirmada com base em seus corpos. A importância da mulher estava justamente em seu órgão reprodutor. Já no final do século XIX e início do século XX, embora o discurso médico reconhecesse a necessidade do prazer feminino, fazia-o subordinado a procriação. Ainda que métodos contraceptivos tenham alterado a trajetória da mulher, ela não deixa de ser vista por sua sexualidade, já que agora os aspectos referentes à sensualidade e ao prazer são levados em conta. Inicia-se o apelo à estética, aos corpos “belos”, enfim, a beleza enquanto símbolo de sensualidade e desejo. Somente mais tarde, após algumas décadas, o corpo masculino entra em evidência e seus músculos e, principalmente, seu desempenho sexual se configura como alvo no “mercado do corpo”.

Já a partir da metade do século XX os novos profissionais da beleza não se preocupam mais em reforçar os laços entre a dignidade moral e a beleza em seus manuais (SANT’ANNA, 2005). Mesmo não sendo completamente aceito pela moral religiosa, o ato de agir sobre o próprio corpo é bastante estimulado. A fé ainda é importante, mas é paulatinamente compensada por uma “sociedade do capital”. O fortalecimento da ideia de “consumo” afeta a mulher através do aumento do apelo estético, que tende a erotizar cada vez mais o corpo, principalmente o feminino.

Mary Del Priore (2000, p. 29) diz que, no decorrer do século XX, a mulher se despiu. A preocupação anterior de salvar a alma é substituída, em grande parte dos casos, pela

preocupação em salvar os corpos da desgraça da rejeição social. Isto, para a Igreja, significava alterar a obra do Criador, que modelou seus filhos à sua imagem. Mas, “apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis ser ou fazer-se bela. Se a Igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura lhe incentivava a forjar os meios para transformar-se”. Isto demonstra que mesmo a Igreja detendo poder sobre as pessoas isso não era algo que impedia a preocupação com a aparência. As mulheres já desejavam ser belas e, talvez por isso, representassem o perigo para a Igreja que as associavam a um instrumento do pecado e das forças obscuras e diabólicas (DEL PRIORE, 2000).

A partir das mudanças na configuração da esfera religiosa, na qual a separação entre Igreja e Estado associada à uma ideia de liberdade de crença gera a pluralidade religiosa, e onde a discussão entre fé e razão se intensificam no âmbito da Ciência Moderna, os discursos sobre o corpo vão, conseqüentemente, se alterando. Numa tentativa de deixar uma história marcada pela repressão para trás, parte da sociedade (não sem a militância feminina) prega a liberdade do corpo e, principalmente, a emancipação da mulher. Mas, ao contrário de assistirmos à completa libertação, o que pudemos notar foi a multiplicação de discursos sobre o sexo e, conseqüentemente, sobre o corpo (FOUCAULT, 1985). Discursos carregados da falsa ideia de liberdade ocultam outro tipo de dominação, tal seja aquela a que se refere Sant’Anna (2005), sobre termos o *direito* de nos mostrarmos, mas acima de tudo termos o *dever* de sermos sempre jovens e belas.

De certa forma, a luta pelos bens de salvação no campo religioso precisa produzir discursos que sejam adequados às necessidades e aos desejos determinados pela época contemporânea. É neste sentido que muitas das diversas religiões surgidas e estabelecidas no último século não se colocam mais contra a transformação do corpo em prol do embelezamento, pois contrariar tal “necessidade” é colocar em risco a permanência dos fiéis no grupo religioso. De certa forma, a religião assume uma postura mediadora, já que não é mais pecado ir contra a “Natureza Divina” se for para se sentir pertencida à uma sociedade que prega tais valores. Se antes as regras de beleza se submetiam a uma moral católica, agora, como afirma Del Priore (2000, p. 11), o tormento das mulheres não é mais o fogo do inferno e sim a balança e o espelho. Mudam-se os dispositivos de poder e a esfera religiosa deve se adequar aos novos discursos.

Para citar outros exemplos, que não somente relacionados ao tema “beleza”, cito o belíssimo texto *A carne e o verbo*, de Jacques Gleyse (2007, p.5) sobre a forma como as palavras agem sobre a carne. “Toda a antropologia nos mostra como aquilo que é dito e

construído pela linguagem age sobre o corpo”. Gleyse cita um exemplo sobre certas tribos da Melanésia, nas quais existia um mito que visava explicar que a comida do rei era mortal para qualquer outra pessoa. Certo dia, um jovem comera mangas caídas de uma cesta que pertencia ao rei. Quando, dias mais tarde, ele soube que as mangas eram destinadas ao rei o jovem começou a adoecer e não durou mais que uma semana. Para o autor, quaisquer que sejam as causas da morte do jovem, esta foi provocada pela lógica da linguagem. “Foram exatamente as palavras ‘a comida do rei é mortal para outra pessoa’ que agiram sobre a carne, suprimindo-a”.

O exemplo demonstra o quanto somos frutos da linguagem e, se a morte do jovem foi prescrita pelo verbo, a educação de nossos corpos está intimamente relacionada às tradições orais cotidianas. Dentre estas tradições, sem dúvida, a esfera religiosa é bastante significativa. Rica de oralidade, sermões e lições, as religiões são fontes de linguagem altamente significativas na educação do corpo de seus frequentadores.

Outro exemplo relacionado aos “usos do corpo” diz respeito a certo condicionamento da carne quanto ao lado esquerdo e direito. Tal tema foi estudado por Robert Hertz (1980) que em seu estudo sobre a polaridade religiosa, alertava sobre a preeminência da mão direita como um campo de demonstração, no próprio corpo humano, da diferenciação entre o sagrado e o profano, princípios básicos da religião. O autor demonstra que a simples diferenciação entre a mão esquerda e a mão direita, longe de ser natural, está carregada de significados culturais. O autor cita exemplos sobre grupos primitivos para os quais o lado esquerdo sempre representava o feminino (ou seja, o impuro) e o lado direito sempre representava o masculino (puro, forte e bom). As relações entre puro e impuro, longe de serem desígnios divinos, remetem à ordem das sociedades que as constroem. Os diálogos entre carne e verbo contribuem para a construção das lógicas e gestualidades corporais intensamente almejadas nos discursos religiosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos exemplos citados ao longo do texto, é possível perceber como as diversas instâncias presentes no cotidiano, como a mídia, a escola, o grupo religioso, por exemplo, entram em disputa na proposição sobre o que é preciso para alcançar a suposta felicidade. Se antes a religião exercia certo contraponto à perspectivas que forjavam necessidades como a da beleza, por exemplo, hoje ela se reconfigura. A partir do momento em que ela não possui mais o monopólio dos bens de salvação, o campo religioso se dilui e novos agentes entram na

disputa pelo agenciamento dos corpos. Isto tende a gerar discursos e crenças variadas, o que explica, por exemplo, o fato de existirem religiões mais conservadoras ao mesmo tempo em que - em oposição- existem aquelas que possuem espaços em revistas religiosas para dar conselhos sexuais e amorosos na tentativa de manter casamentos.

Neste sentido, pensar sobre religião é, entre outras coisas, pensar sobre o corpo, sobre suas formas de educação e apreensão do mundo. É claro que se olharmos para as práticas de um grupo perceberemos que sua educação não é o resultado de um modelo construído unicamente pela religião. O corpo é construído na interação das diversas esferas da vida cotidiana, em seus diversos lugares e contextos. Por isso é preciso compreender como os sujeitos agem nas ações cotidianas adquirindo práticas e costumes que se tornam observáveis no corpo e nos gestos de cada fiel. Práticas estas que serão observáveis na escola e nas aulas de EF.

Enfim, o presente texto é uma tentativa de dar visibilidade à algumas reflexões sobre o corpo no mundo contemporâneo. Ainda que as reflexões tenham sido elaboradas com ênfase na educação religiosa elas tratam o corpo como alvo de agenciamento por parte de instituições que pretendem exercer algum tipo de controle sobre ele. Neste caso, a escola e a EF podem ser consideradas igualmente influentes neste processo de educação dos corpos. Mais do que isto, é preciso que os professores e profissionais da área da EF estejam atentos aos processos que interferem e influenciam a educação do corpo enquanto “objetos de estudo”, sujeitos e agentes de nossa intervenção pedagógica.

## THE BODY AND RELIGION: POSSIBLE APPROACHES

### ABSTRACT

*This text aims to bring into consideration some analysis on “the body usage” and its relation to religion. Starting with some examples I try to demonstrate how, throughout history, the body education is pervaded by some kind of religious education. The religion, like other institutions which promote the human being daily life, has an important role on the education of the body of people who share a religious view of the world. The text is more concerned with the views about the body which this kind of education requires than with a detailed construction on the religious phenomenon on the academic community.*

**KEYWORDS:** Body 1; education of the body 2; religion 3;

## CUERPO Y RELIGIÓN: APROXIMACIONES POSIBLES

### RESUMEN

*El texto desea traer a la reflexión algunas análisis acerca de los “usos del cuerpo” y sus relaciones con la religión. A partir de algunos ejemplos hay que demostrar como, al largo de la historia, la educación del cuerpo ha sido permeada por un tipo de educación religiosa. La religión, como otras instituciones que promueven la vida cotidiana del ser humano, tiene papel importante en la educación corporal de personas que comparten una visión religiosa del mundo. El texto se encuentra más preocupado con las visiones sobre el cuerpo que este tipo de educación implica do que con una elaboración detallada acerca del fenómeno religioso en el medio académico.*

PALABRAS CLAVES: Cuerpo 1; educación del cuerpo 2; religión 3;

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, A. Corpo, Mídia e Cultura. In: *Razón y palabra: Deporte, Cultura y Comunicación*, n. 69, 2009.

BAUER, C. *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã, Edições Pulsar, 2001.

BOURDIEU, P. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASANOVA, J. *Public religion in the modern world*. The Un.of Chicago Press, 1994

DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

FENSTERSEIFER, P. E. *A Educação Física na crise da modernidade*. Ijuí. Editora Unijuí, 2001.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

GLEYSE, J. A carne e o verbo. In: SOARES, C. *Pesquisas sobre o corpo: Ciências Humanas e Educação*. Campinas, SP. Autores e Associados, 2007.

GOMES, A. M. A. As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro. *REVER - Revista de estudos da religião*. N.1, 2006, p. 1-38.

HABERMAS, J. *Entre naturalismo e religião: Estudos Filosóficos*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. *Teoria de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y*

racionalización social. Madri, Taurus, 1999.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 6, 1980.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTERO, P. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. In: *Novos Estudos*, n.74, março de 2006, p.47-65.

RIGONI, A.C.C. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino: implicações para a Educação Física Escolar*. 162p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br>

SANT'ANNA, Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. In: *Revista brasileira de ciências do esporte*, v.23, n.1, p.87-98, setembro de 2001.

SOARES, C.; FRAGA, A. B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes as carnes humanas alinhadas. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 14, n. 2, maio/agosto, 2003. p. 77-90.

VIGARELLO, G. A História e os modelos do corpo. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 14, n. 2, maio/agosto, 2003. p. 21-29.